

O papel do jornal eletrônico frente a uma coletividade virtual¹

Alan de JESUS²

José Eduardo Soares SARAIVA³

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este trabalho discute as relações entre saúde, jornalismo e redes sociais. Fazemos uma reflexão sobre o campo Comunicação e Saúde, a partir do entendimento do que é notícia e de como as matérias sobre a vacina do HPV, veiculadas pelos meios midiáticos, repercutiram no grupo do Facebook “Sou contra a vacina do HPV”. Para tanto, analisaremos, por meio da metodologia da Análise do Discurso Mediada pelo Computador de Herring, duas matérias que tiveram maior número de interações na coletividade virtual situada no Facebook durante ano de 2017: a primeira do jornal o Estado de Minas; e a segunda do Portal IG, na sessão Saúde. Identificamos que as matérias jornalísticas foram utilizadas pelo grupo como reforço para a construção de um discurso inconformista sobre a vacinação.

Palavras-chave: saúde, mídias, jornalismo; Facebook; comunicação.

INTRODUÇÃO

Em março de 2014 teve início, no Brasil, a primeira fase da campanha de vacinação contra o HPV realizada pelo Ministério da Saúde. A ação tinha o propósito de proteger meninas com idades entre 11 e 13 anos do câncer do colo de útero e os pais eram o público-alvo a ser convencido da importância e eficácia da vacina. Em 2015, continuaram as veiculações na grande mídia para divulgar a segunda dose. Mesmo obtendo, por um lado, resposta positiva (somente em 2014 aproximadamente 5 milhões

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Informação e Comunicação em Saúde do ICICT- FIOCRUZ, email: alanjp.jornalista@gmail.com

³ Mestrando do Curso de Informação e Comunicação em Saúde do ICICT- FIOCRUZ, email: joseeduardosaraiva@gmail.com

de meninas foram vacinadas)⁴, por outro, a mensagem emitida pelo Ministério da Saúde não foi bem recebida por alguns responsáveis, religiosos e grupos contrários a vacina nas redes sociais, o que pode ter diminuído o interesse pela etapa seguinte.

Integrado por mais de 5 mil membros, o grupo “Sou contra a vacina do HPV” surge no Facebook como resposta à campanha de vacinação para prevenir o câncer do colo do útero. Alegando que suas filhas sofreram efeitos colaterais após receberem a vacina, entre outras motivações contrárias à ação do governo expostas no grupo, os pais das meninas tornam-se um discurso contrário ao que foi divulgado pelo Ministério da Saúde.

Nesse contexto, os meios de comunicação apresentam-se como divulgadores do discurso oficial do Ministério da Saúde, mas, também, como um espaço para a propagação de casos dos quais os responsáveis afirmam serem suas filhas vítimas da vacina contra o HPV. A partir disto, as matérias jornalísticas tornam-se um balizador de repercussão e reflexões sobre a vacina nas redes sociais.

Os grupos online contrários à vacina, em especial no Facebook, utilizam o discurso jornalístico em suas discussões cotidianas. Ora, as matérias contribuem para a fomentação de um discurso de reforço contra a vacina; ora são expostas com o propósito de mostrar como a imprensa é manipuladora e enganosa. Esse duplo movimento do jornalismo dentro desses grupos nas redes sociais faz com que a construção de sentidos sociais sobre a vacina feita pelos meios de comunicação seja importante para entender as discussões realizadas pelos membros dessa comunidade virtual. E, portanto, refletir sobre a dinâmica do grupo “Sou contra a vacina do HPV” é entender, também, como a lógica midiática influencia o discurso contra hegemônico da vacina.

Pensar a relação entre saúde, jornalismo e redes sociais, a partir do objeto da vacinação do HPV, é, sobretudo, entender que tais relações estão inseridas no campo Comunicação e Saúde. A partir desse entendimento, é possível pensar a lógica midiática e como seu produto influência direta ou indiretamente nas reflexões em grupos virtuais.

COMUNICAÇÃO E SAÚDE

Com a Constituição de 1988, a saúde pública sofreu grandes transformações, passando a ser reconhecida como um direito social, isto é, inerente à condição de

⁴ Informação disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/campanhas/hpv/> acessado dia 20/09/2015.

cidadania, tendo como grande provedor o poder público (PAIM, 2009). Nela, a saúde “é um direito de todos e um dever do Estado” (Art. 196). Além disso, atualmente a saúde não é entendida como ausência de doença, mas, a partir da visão ampliada da Organização Mundial da Saúde (OMS), ela é vista como “estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de enfermidade ou invalidez”. Pensar a saúde a partir dessa perspectiva, nos leva a perceber que a Comunicação também é saúde e, portanto, um direito do cidadão.

A Comunicação e a Saúde estão diretamente relacionadas com a noção de direito, pois ambos são importantes para o exercício de cidadania, como afirmam Araujo e Cardoso (2007, p. 61):

No campo da saúde, a comunicação não se dissocia da noção de direito, é dirigida a ‘cidadãos’, objetiva o aperfeiçoamento de um sistema público de saúde em todas as suas dimensões e a participação efetiva das pessoas na construção dessa possibilidade

No livro *Comunicação e Saúde* (2007), Araujo e Cardoso trazem uma reflexão sobre o campo de Bourdieu a partir da perspectiva da comunicação e da saúde, entendendo-os não como subcampos, mas como um único campo, um novo campo; é, portanto, o campo da “Comunicação e Saúde”, que é estruturante e estruturado na sociedade atual.

O campo “Comunicação e Saúde” é formado pelas particularidades, de um lado, da comunicação e, de outro, a saúde, possuindo, portanto, lutas simbólicas próprias que lhes confere tanto capital midiático, como, também, científico. Araujo (2013) descreve esse campo:

Comunicação e Saúde apresenta-se como um campo compósito, formado na interface de dois outros campos, o da Comunicação e o da Saúde. Neste sentido, pode ser considerado um subcampo de cada um, mas, considerando que traz em si todas as características de um campo, ainda que novo, portanto em consolidação, será aqui assim considerado. No entanto, traz na sua genética todas as interfaces e complexidade desses campos matrizes, de per si formados na intercessão de múltiplas disciplinas e interesses (ARAÚJO, 2013, p. 4)

Pensamos a mediação desses subcampos como um campo e que, portanto, faz com que seus agentes lutem pelos capitais que lhes confere prestígio em seus diferentes locais de fala (nos jornais, no Ministério e no grupo do Facebook), estabelecendo mudanças estruturais e estruturantes para a medição. “Uma das dificuldades de

delimitação da Comunicação e Saúde está no fato de que outros campos identificados com a Comunicação estão presentes no cenário da Saúde, o que complexifica mais sua identidade como campo” (ARAUJO, 2013, p. 2). Não é possível pensar numa geografia do campo e dos subcampos, ou seja, não é possível identificar onde um começa e onde termina, onde são suas fronteiras, pois entendemos que eles são confluentes, porosos, e, portanto, indissolúveis. Pensamos a partir de agora como um campo único que não possui polaridades, mas que caracteriza-se pelas múltiplas lutas simbólicas exercidas em seu ventre. Um campo que nasce do encontro de dois pólos que se mesclam em entrechoques simbólicos:

É neste campo que percebemos a existência de discursos concorrentes, que emanam e ao mesmo tempo constituem relações de saber e poder; é neste campo que agentes situados em instituições e informados (ainda que nem sempre de forma consciente) por concepções teóricas sobre a comunicação, a saúde e seus vínculos, sobre as relações do Estado com a população e sobre as concepções e modos de enfrentamento dos agravos de saúde por parte da população, desenvolvem suas estratégias e práticas, suas alianças e antagonismos (ARAUJO, 2013, p.4).

É nesse campo que se insere a proposta deste artigo. Um campo que possibilita pensar questões de saúde a partir do discurso jornalístico e como este reverbera no discurso contra hegemônico presente no grupo do Facebook, contrário à vacinação do HPV, proposta pelo Ministério da Saúde. É nesse campo que se estabelecem a luta simbólica dos discursos. É a partir dele que é possível pensar uma nova forma de fazer comunicação na área da saúde, pensando no leitor/receptor como, também, produtor de discurso, partícipe de todo processo comunicacional e, portanto, cidadão que com direitos e deveres, participa ativamente da construção de um sistema de saúde melhor.

A NOTÍCIA JORNALÍSTICA

O jornalismo tem por função informar o leitor, telespectador ou ouvinte sobre os acontecimentos do cotidiano. Assiste aos jornalistas a obrigação de informar a população, dando-lhe meios de exercer a cidadania (FEITOZA, 2012). Até porque determinados segmentos da sociedade necessitam noticiar a população suas pesquisas e descoberta. Como afirma Pena (2008, p.23):

não basta produzir cientistas e filósofos ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes. Também é preciso que eles façam os tais relatos e reportem informações a outros membros da comunidade que buscam a segurança e a estabilidade do ‘conhecimento’. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso denominar jornalismo.

Nesse sentido, o jornalismo acaba por se inserir em vários campos especializados, buscando informação para ser noticiada. Um desses campos é o da saúde. Há no campo jornalístico um grande interesse por assuntos ligados a saúde/doença. Medicamentos, tratamentos, dietas, sugestões de comportamento, exercícios físicos, estudos científicos e outros são temas recorrentes nos veículos de comunicação. Há também interesse por parte do campo da saúde em ser noticiado pelo campo midiático.

Como a demanda de informações do campo da saúde é grande, os meios de comunicação necessitam selecionar no dia-a-dia tudo o que será veiculado, a partir de critérios que ditam o que ganha ou não notoriedade nas páginas de papel. Tais critérios podem ser definidos como: noticiabilidade. Segundo Wolf (1999), a noticiabilidade é um conjunto de critérios, operações e instrumentos utilizados diariamente pelos órgãos de informações para escolher, dentre um emaranhado de imprevisíveis e indefinidos fatos, um número finito e estável de notícias.

Mas, o que é notícia? Para Wolf (1999) notícia é o resultado de um processo sistemático que busca unir acontecimentos, submetendo-os a constantes avaliações para, no fim, entreter seus espectadores. Segundo Pena (2008, p. 133) o jornalista é “à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se bloqueia”. Isso significa que “diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícias aqueles que passam por uma cancela ou portão (*gate* em inglês)”. O Jornalista seria, portanto, “o porteiro, o selecionador (o *gatekeeper*) (...), responsável pela progressão da notícia ou por sua ‘morte’, caso opte por não deixá-la prosseguir, o que significa evitar a publicação” (PENA, 2008, p. 133).

Antes de se tornar notícia, a informação é anteriormente uma pauta. Ela é o princípio básico do jornalismo. Sobre isso Lage (2008, p. 34) explica que a pauta jornalística se refere:

ao planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editorias – de Cidades, Política, Economia, etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a

serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fonte etc.

A pauta sobre saúde pode vir do jornalista, que pode sugerir algum tema, pode vir de órgãos oficiais, como o Ministério da Saúde, ou de assessoria de hospitais, clínicas ou até mesmo de assessoria de médicos. Deve-se entendê-la, assim, como também, deve-se entender a notícia, como um produto vendável, pois atende as necessidades e exigências do público leitor ou do mercado. Segundo Lustosa (1996), a informação nada mais é do que um recorte feito anteriormente pela linha editorial do veículo. Na maioria das vezes isso é feito buscando transformar a notícia, deixando-a mais atrativa, ou seja, mais facilmente consumível, enquanto mercadoria sob o domínio de proprietários das empresas de comunicação.

a notícia é pois uma versão de um fenômeno social, não a tradução objetiva, imparcial e descomprometida de um fato. Qualquer redator ou relator de um fato é parcial inclusive ao escolher o ‘melhor ângulo’ para descrevê-lo, como se recomenda as redações (LUSTOSA, 1996, p. 21).

A partir dessa perspectiva, é possível pensar como o Ministério da Saúde, ao lançar uma campanha nacional de vacinação contra o HPV, consegue pautar os meios de comunicação e, como esses, também, são pautados por outros segmentos da sociedade, ao veicular matérias sobre crianças ou jovens que tiveram efeitos colaterais logo após a imunização. O jornalista, então, transforma a notícia que ora é a eficácia da vacina, com matérias de orientações sobre os benefícios, onde se vacinar ou quem deve receber a vacina, ora uma reportagem denunciando ou dando voz ao drama de pessoas que alegam terem sofrido efeitos colaterais, como paralisias musculares.

Portanto, há uma luta dentro do campo Comunicação e Saúde. Essa luta é reflexo dos diversos agentes do campo que constantemente querem construir sentidos sobre o HPV dentro dos veículos midiáticos. Sobre isso, diz Lerner (2014, p. 156):

A mídia certamente não é um espaço transparente no qual a realidade, no caso a saúde- é falada. Ou seja, tal presença não significa um mero reflexo da importância da saúde na sociedade contemporânea, mas parte constitutiva desse deslocamento nos sentidos da saúde. Seja porque a mídia é, também, um espaço de produção discursiva sobre o mundo que opera por meio da seleção, organização, e transformação de fatos em acontecimentos jornalísticos que resulta na composição de um texto ao qual chamamos de jornal (ou outro produto midiático),

seja porque pode ser pensada como um entre vários atores sociais já citados (especialistas, doentes, autoridades sanitárias, com toda a heterogeneidade que cada uma dessas categorias engendra) que irão disputar a primazia na construção de sentidos sobre os temas envolvidos.

Entretanto, os veículos de comunicação não são o único lugar de construção de sentidos sobre o HPV. Para Ignácio Ramonet (2001), o fato a ser divulgado está nas mãos de um profissional que está, a cada dia, perdendo o seu poderio. “Vivemos agora num universo comunicacional – alguns chamam este universo de ‘sociedade da informação’ – em que todo mundo comunica” (RAMONET, 1999, p.55).

O crescimento no século XXI do número de atores participantes das redes sociais faz aumentar também o compartilhamento de uma infinidade de notícias veiculadas na internet através do webjornalismo (MIELNICZUK, 2003). Características como a interatividade, customização do conteúdo, hipertextualidade e memória (MIELNICZUK, 2003) diferenciam este novo formato do tradicional jornal de papel e permitem que a notícia chegue em tempo real aos seus leitores. A memória, por exemplo, arquiva o conteúdo perenemente, ou seja, acessível na rede por tempo indeterminado.

Dentro dessa nova sociedade online, em tempo real, há alguns dispositivos que permitem com que pessoas em diferentes pontos do planeta possam se unir e amplificar suas vozes em comunidades, construindo novos sentidos sobre a saúde. Um desses espaços são as redes sociais. Com destaque nesta pesquisa para o Facebook.

REDES SOCIAIS

A rede mundial de computadores amplifica as falas de coletividades que antes eram limitadas pela grande mídia, detentora do poder hegemônico da comunicação de massa. Culturas, valores e comportamentos peculiares adquirem maior relevância nas redes, conforme explica Castells (2003), em um artigo para o livro *Por uma outra comunicação*, a rede mundial de computadores funciona como ferramenta para desenvolver comportamentos que se apropriam do espaço virtual ampliando e potencializando aquilo que já existia originalmente no cotidiano.

Dentro da internet, uma das ferramentas que mais se destaca nesse processo são as redes sociais. Elas ganharam maior popularidade a partir da primeira década de 2000 como espaços virtuais na internet onde pessoas de todo mundo trocam informações,

afetos, narcisismos e até negociam bens e serviços. Ademais, indivíduos com interesses comuns formam grupos de debates, convocam eventos e manifestações que extravasam o ambiente digital ao promoverem encontros em espaços públicos das cidades. O que se discute no virtual repercute na vida cotidiana, e a recíproca é verdadeira. “Os grupos sociais online têm uma existência real, que impacta muitos outros aspectos do comportamento” (KOZINETS, 2010, p. 15, tradução nossa)

Desde 2008, quando superou o MySpace, o Facebook tornou-se a rede com maior número de usuários do mundo. Somente em 2011, o site de relacionamentos de Mark Zuckerberg ultrapassou o Orkut, consolidando sua popularidade também no Brasil.

No atual estágio de desenvolvimento, o ser humano faz uso das redes sociais para atacar e se defender, de acordo com a professora Patrícia Saldanha (2007), por meio de uma “arma decisiva”. Mesmo que não se apresentem no sentido de comunidade essencialmente, pois muitos dos membros não se conhecem pessoalmente e nem mesmo habitam a mesma região, os grupos reúnem pessoas com interesses atuais, assumindo a postura de arma decisiva ao tentar resgatar “o laço comunitário que se perdeu com o enfraquecimento do Estado e o avanço do Mercado” (SALDANHA, 2007, pag.1).

Inserido no processo de defesa contra o sistema de códigos emitidos pelo Estado, através da Campanha de Vacinação, e da mídia, por meio das matérias jornalísticas que estimulam a adesão à ação, surge no Facebook, em março de 2014, o grupo “Sou Contra a Vacina HPV” (www.facebook.com/groups/contravacinahpv). Constam nele, postagens contrárias à vacina que promete evitar a infecção pelo papiloma vírus. De acordo com a descrição exibida no próprio grupo, também são bem-vindas informações e membros a favor da vacina.

Dentre as postagens feitas pelos membros do grupo estão links com matérias, nacionais e internacionais, sobre o tema, de diversas fontes, inclusive da grande mídia do webjornalismo brasileiro. Outras postagens constantes são fotos publicadas por familiares (pais, mães e outros parentes) das adolescentes acamadas, vídeos contendo imagens das meninas se locomovendo com dificuldade após a aplicação do “gardasil”, depoimentos dos pais e de outras pessoas que conhecem alguma vítima dos efeitos colaterais. Hoje, o grupo possui 5.494 participantes e duas administradoras.

ANÁLISE

Partimos, para esta breve análise, da perspectiva de Herring (2004; 2013) sobre os estudos do discurso online, a partir do que ele chama de Computer Mediated Discourse Analysis – CMDA (Análise de Discurso Mediada pelo Computador), cujo a foco está na linguagem e na linguagem em uso no ambiente on-line. Essa proposta metodológica é uma perspectiva linguística de estudo do discurso para o ambiente online e que nos parece adequada para o estudo a que este trabalho se propõe.

Destaca-se que esta metodologia se enquadra nas formas tradicionais de estudo do discurso, como a AD (Análise do Discurso de fundo francês) ou a ACD (a chamada Análise Crítica do Discurso). Sua proposta de análise busca ser mais abrangente e mais maleável que as abordagens citadas.

A CMDA se fundamenta em cinco níveis: a estrutura, o sentido, a organização da interação, o comportamento social e a comunicação multimodal. Na estrutura, observa-se a formação das palavras, expressões e frases. O sentido, analisa o sentido das palavras, intenção do sujeito e, pode ser analisado, com base na análise semântica e pragmática. A organização das interações dá conta dos turnos de fala, padrões estabelecidos e as dinâmicas de conversação dos grupos. O comportamento social, observa as dinâmicas sociais, conflitos, poder, influência e estilo do discurso. E, por último, a comunicação multimodal, que versa sobre as múltiplas linguagens convergentes nas redes.

Apresentaremos neste uma análise de duas matérias compartilhadas recentemente pelos membros do grupo público do Facebook “Sou Contra a Vacina HPV”, para refletirmos sobre repercussão do jornalismo entre pessoas contrárias à vacina. A primeira foi publicada no veículo “Estado de Minas”⁵, no dia 5 de maio de 2017. Ela relata uma briga judicial entre o Ministério Público, da cidade mineira Uberlândia, e a Justiça Federal pela suspensão do fornecimento da vacina e da vacinação contra o HPV, e reivindicação de indenização por possível dano moral coletivo. A solicitação foi negada pela juíza que apontou que não havia provas quanto aos efeitos colaterais e à eficácia da vacina. O link dessa matéria foi postado por uma mulher do grupo no dia 6 de julho de 2017, às 11h28. A segunda, publicada no dia 27

⁵ Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/05/05/interna_gerais.867179/juiza-nega-pedido-de-medico-mineiro-e-mantem-vacinacao-contr-hpv.shtml

de março de 2017, no Portal IG⁶, na seção Saúde, e atualizada no dia 4 de julho de 2017. Relata sobre o drama de uma adolescente que ficou paralisada no dia seguinte ao tomar a vacina contra o HPV. O texto mostra que o sonho da menina em questão era ser cantora e este teria sido adiado após a imunização. O efeito colateral descrito causou paralização nas pernas da menina, no primeiro momento, depois foi se espalhando pelo seu corpo. Na narrativa jornalística, as falas da mãe, familiares e do hospital, onde a paciente foi socorrida, aparecem nos primeiros parágrafos. Os responsáveis relatam o desespero e a dificuldade dos cuidados com a filha após a paralização do pescoço para baixo. Já os médicos, associam a reação adversa a problemas psicológicos pré-existentes.

Abaixo as publicações feitas no grupo:

Gente, infelizmente, a luta ainda não está ganha. Acredito que só no dia que essa vacina fizer mal a um filho de famoso é que isso vai parar.



Justiça Federal descarta suspensão da vacina o contra HPV no país

Em análise de ação cível pública do Ministério Público Federal em Uberlândia, juíza não viu provas de que imunização apresenta efeitos colaterais e não tem...

EM.COM.BR

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍👎🗨️ 44

1 compartilhamento

12 comentários

Toma essa maldita vacina e fica paralisada do pescoço para baixo e os médicos dizem que é psicológico??? É de matar...

<https://in.facebook.com/vi.php...>



Após tomar vacina contra HPV, adolescente fica sem andar - Home - iG

Reação à vacina contra HPV deixa garota de 12 anos paralisada do pescoço para baixo. Médicos dizem que caso é psicológico, sem relação com a vacina.

SAUDE.IG.COM.BR

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍👎🗨️ 79

40 compartilhamentos

23 comentários

Abaixo apresentamos a análise dos cinco níveis:

a) Estrutura:

Ambas as publicações são feitas a partir do link da matéria veiculada em meios de comunicação eletrônicos (Estado de Minas e Portal IG). Sua estrutura está diretamente associada à estrutura textual jornalística, pois o suporte transporta do site de origem a imagem, o título e o subtítulo da matéria. Entretanto, o Facebook permite que o usuário que publicou o link possa também criar o seu texto, legenda ou título, sobre o que vai postar. Em ambos os casos as autoras escreveram uma opinião contrária ao que divulgaram. De uma forma holística podemos considerar que o leitor entre em contato primeiro com a imagem e já tenha uma noção inicial sobre o que o que se trata aquela publicação (no primeiro caso, de uma vacina ou injeção; no segundo, de alguém acamado no hospital), depois observa o texto de quem publicou, para ver a intenção do

⁶ Disponível em: http://saude.ig.com.br/2017-03-27/vacina-contra-hpv-deixa-garota-sem-andar.html?utm_source=social-ig

autor e, por último, o texto da publicação para contrapor com os outros elementos vistos anteriormente.

b) Sentido:

Nos dois casos os sentidos produzidos pelos textos publicados pelas autoras sobre as matérias veiculadas são de inconformismo. Elas buscam persuadir o leitor de que as informações veiculadas nos meios de comunicação não devem ser aceitas para tomarem a decisão de vacinar suas filhas e filhos. No primeiro caso, o texto 1 da publicação é: “Justiça Federal descarta suspensão da vacina contra o HPV no país” e o texto 2: “Em análise de ação civil pública do Ministério Público Federal em Uberlândia, juíza não viu provas de que imunização apresenta efeitos colaterais e não tem...”. Sobre esses textos a autora da publicação escreve a legenda: “Gente, infelizmente, a luta ainda não está ganha. Acredito que só no dia que essa vacina fizer mal a um filho de famoso é que isso vai parar”. A autora faz uso de uma linguagem coloquial para se aproximar mais do leitor que está em contato com seu texto (“Gente”). Mostra sua tristeza com o resultado do julgamento (“infelizmente”). Quando descreve a suspensão da vacinação contra o HPV como uma luta, está mostrando que há uma guerra estabelecida (entre o Ministério da Saúde e as pessoas que são contra a vacinação) e que as pessoas que fazem parte do grupo do Facebook, no qual ela posta sua opinião, perderam uma luta. E, portanto, devem continuar lutando pois “ainda” não ganharam, mas acredita que irão. Ela faz uso de uma reflexão sobre as desigualdades sociais presentes no país e da relação dessa desigualdade com a imprensa ao citar que acredita que quando um filho de uma pessoa famosa for vítima da vacina, ela será suspensa, pois os pais, de uma vítima da vacina, que não têm visibilidade não tem muita força de mudança; já os famosos conseguiriam repercussão nacional nos meios de comunicação e poder para pressionar os governantes sobre a legislação da vacinação. Retoma, portanto, com isso, o imaginário de famosos que ao mostrarem suas lutas pessoais contra uma determinada doença, conseguiram também comoção nacional e, conseqüentemente, pressão sobre as políticas de tratamento dessa doença, como foi o caso do cantor e compositor Cazuza, com a AIDS.

No segundo caso, o texto 1 da publicação é “Após tomar vacina contra HPV, adolescente fica sem andar” e o texto 2 é “reação à vacina contra o HPV deixa garota de 12 anos paralisada do pescoço pra baixo. Médicos dizem que caso é psicológico, sem relação com a vacina”. Sobre a matéria jornalística, a autora da publicação escreve a

legenda: “Toma essa maldita vacina e fica paralisada do pescoço pra baixo e os médicos dizem que é psicológico??? É de matar...”. A autora da publicação adjetiva a vacina como “maldita”, ou seja, no imaginário popular, algo que é alvo de maldição, ruim desagradável, infeliz. Ela ironiza o fato da vacina, que deveria servir para contribuir com a saúde (prevenir contra o câncer de colo de útero), causa o efeito contrário, o de paralisação do pescoço pra baixo. Além disso, mostra sua indignação com a reação dos médicos, se questionando o porquê desse diagnóstico. Isso se expressa na utilização excessiva de interrogações “???”. Já a utilização da expressão “É de matar” com a exclamação “!” reforça ainda mais o quanto é revoltante a situação, para a autora, da menina ter ficado paralisada em função da vacina, tal situação é tão surreal que possibilitaria a morte de tão indignada que ela ficou. Com relação ao uso das reticências, “...”, é um recurso que ela usou para mostrar que ainda haveria muito a se dizer sobre aquela notícia, mas que preferiu deixar subtendido para o leitor fazer outras interpretações e reflexões.

c) Organização da interação:

O Facebook é uma rede social que permite a interação dos seus usuários por meio de compartilhamentos, reações e comentários nas publicações. A primeira publicação teve 1 compartilhamento, 44 reações (24 - curti, 10 - raiva, 9 - triste, 1-espanto). A segunda publicação teve uma movimentação no gupo bem acima da média, com 40 compartilhamentos, 79 reações (36 - curti, 28 – triste, 8 - raiva, 6 – espanto, 1-amei) e 23 comentários.

d) Comportamento Social

Na primeira publicação, o número de reações é um número relativamente alto para o grupo. É interessante pensar como quase metade das reações estão relacionadas com o sentimento de raiva ou tristeza pela “luta” perdida. Além disso, houve na publicação 12 comentários. As reações dos comentários reforçam a posição contrária à vacina como forma de proteger suas filhas ao demonstrarem irritação e tristeza pela decisão da juíza. Um comentário chama a atenção por sinalizar que a sentença final ainda não foi decretada, pois haveria redistribuição da ação para a capital, Belo Horizonte, o que demonstra o interesse dos participantes em se aprofundarem no conteúdo do texto, ou seja, não se atêm somente ao título, desta forma denota uma busca pela racionalidade em alguns discursos: “a ação foi repassada a Belo Horizonte. Houve conflito de competência. Veja no texto abaixo! Em Uberlândia faltou competência prá

dar uma resposta justa, final! ‘pós suscitado conflito de competência, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região determinou que a ação fosse redistribuída à 14ª Vara Federal da SJMG, em Belo Horizonte’”. Outra participante do grupo aproveitou para esclarecer uma dúvida nos comentários: “Na escola do meu filho disseram que era obrigatório, mas eu não deixei ele tomar, alguém sabe se é verdade mesmo”, obtendo duas respostas negando a afirmação. Outra, por sua vez, dialogou com a legenda criada pela autora “Duvido que eles dão essa vacina em seus filhos, assim como eu não darei no meu é oriento e minhas alunas a não tomarem também”, recebendo sete curtidas e dois amei, mostrando que a interação direta com a intenção da autora é bem visto pelos membros do grupo.

A segunda publicação teve uma repercussão bem maior do que as outras publicações do grupo. Isso mostra como uma história real de uma pessoa que se identifica como vítima da vacina e agora sofre seus efeitos colaterais, ficando paralisada, possui um grau empatia e identificação com o público muito grande. Esse tipo de matéria ganha grande visibilidade porque o grupo é formado por pessoas que em muitos casos possuem histórias parecidas com a da menina da matéria, ou que se imaginam tendo uma filha ficando paralisada. Nos comentários, é possível perceber que há nas falas dos responsáveis receios, dúvidas e, em alguns casos, a certeza de que realmente a vacina é prejudicial. Mulheres prevalecem nos comentários, sendo que alguns poucos homens também se manifestam. Os argumentos se baseiam em outros relatos, decisões sobre a vacina em países nos quais, segundo os comentários do grupo, havia sido suspensa a campanha, e uma das mulheres sugere, como alternativa à imunização, o exame anual preventivo. Esta mesma mulher sugere a sua interlocutora que converse com a filha sobre liberdade e libertinagem. Ela considera a libertinagem como causa de doenças. Diz ter uma menina de 13 e um menino de 15 anos e que não os vacinou mesmo com a campanha feita na escola onde estudam. Contou que algumas meninas desmaiaram na instituição de ensino. Em outro caso na mesma escola houve inflamação decorrente da vacina que se desdobrou em paralisia nas pernas. Em ambos os casos, conta a mulher, as meninas se recuperaram “Graças a Deus”.

e) Comunicação Multimodal

Ambas as publicações são combinações de imagem, texto e hiperlink, uma construção característica da rede. A utilização de publicações de matéria de outros meios de comunicação em grupos do Facebook pode ser considerada uma apropriação

dos participantes do grupo, ou seja, uma nova forma de construção discursiva por esses que, aproveitando-se da credibilidade que veículos de comunicação têm perante o público, utiliza-os como reforço para suas críticas sobre o processo de vacinação contra o HPV. O jornalismo, por sua vez, ao estar inserido nesses grupos, legitima-se como partícipe das discussões presentes nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi possível começar uma reflexão sobre a relação entre o campo Comunicação e Saúde e sua relação com as discussões sobre jornalismo, saúde e redes sociais. Refletimos sobre a construção de sentidos sobre a vacinação do HPV a partir de matérias jornalísticas veiculadas no grupo do Facebook “Sou contra a vacina do HPV”. Identificamos que as matérias publicadas no grupo contribuíram para a construção de um discurso de inconformismo por parte tanto de quem publicou, como de quem interagiu com as publicações. Percebemos que o jornalismo, é uma parte importante da construção discursiva do grupo. Foi possível verificar, também, como a lógica jornalística de produzir matérias mais humanizadas, mostrando personagens e seus sofrimentos, possui um apelo grande no grupo, possibilitado mais interações, contribuindo para uma maior comoção por parte de pais que pertencem ao grupo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, I. S. de. **O Campo da Comunicação e saúde: contornos, interfaces e tensões.** In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades. São Paulo: Intercom, 2013. v. 1.

ARAUJO, I.S. de; CARDOSO, J. **Comunicação e Saúde.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2007.

CASTELLS, M. Internet e redes sociais. IN: MORAES (org.). **Por uma outra comunicação.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

FEITOZA, M. **O papel do jornalista é informar.** Edição 691. 2012. Observatório da Imprensa. Artigo disponível no site: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed691_o_papel_do_jornalista_e_informar. Acessado no dia 15 de junho de 2017.

HERRING, S. C. (2001). Computer-mediated discourse. In: Schiffrin, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (eds.). **The Handbook of Discourse Analysis.** Oxford, Blackwell Publishers, 2001. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>. Acessado 10 de junho de 2017.

_____. Computer-mediated discourse analysis: An approach to researching online behavior. In: BARAD, Sasha; KLING, Rob; GRAY, James J (eds.). **Designing for Virtual Communities in the Service of Learning New York**, Cambridge University Press, 2004. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmda.pdf>>. Acessado em 10 de junho de 2017.

_____. Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured , and emergent. In: **Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 2011: Discourse 2.0: Language and new media**. Washington, Georgetown University Press, 2013. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/GURT.2011.prepub.pdf>>. Acessado em 10 de junho de 2017

KOZINETS; R. V. **Netnography: doing ethnographic research online**. London; SAGE Publications Ltd, 2010

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7ª Edição: Record, Rio de Janeiro, 2008.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Editora UnB, 1996.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporânea), Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jordi/wp-content/uploads/2016/05/Jornalismo-na-Web-uma-contribui%C3%A7%C3%A3o-para-o-estudo-do-formato-da-not%C3%ADcia-na-escrita-hipertextual.pdf>>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

MORAES, D de. **Por uma Outra Comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

PAIM, J.S. **O que é o SUS**. Coleção Temas em Saúde, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2009. (Coleção Temas em Saúde).

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008

RAMONET, I. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SALDANHA, P. G. **A Sociedade Atual é Formada por: Comunidades, associações ou Agrupamentos Digitais?** Santos: Intercom 2007.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Ed. 6. Lisboa: Presença, 1999